

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ENVELHECER E OS DIREITOS SOCIAIS DOS IDOSOS. O CASO DO PROGRAMA MUNICIPAL DA TERCEIRA IDADE, VIÇOSA – MINAS GERAIS ¹

SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT AGING AND SOCIAL RIGHTS OF THE ELDERLY. THE CASE OF PROGRAMA MUNICIPAL DA TERCEIRA IDADE, VIÇOSA - MINAS GERAIS

Clara Mafalda Sousa²
Rita de Cássia Pereira Farias³
Sheila Maria Doula⁴
Simone Caldas Tavares Mafra⁴

1. RESUMO

O estudo teve como objetivo analisar as representações sociais sobre o ser idoso, o envelhecimento e a velhice como processo, e os direitos sociais da pessoa idosa e sua respectiva efetivação. Foram entrevistados, aleatoriamente, utilizando a entrevista semi-estruturada, vinte idosos (com idades entre 62 e 84 anos), participantes do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) da cidade de Viçosa, Minas Gerais. Os resultados apontam para três tipos de representação social do envelhecimento: uma representação positiva de ganhos e realização pessoal, ligada à panóplia de atividades que estes idosos encontram no âmbito do PMTI; uma representação negativa associada à perda de saúde e dependência e uma terceira de conformação, no qual o envelhecimento é visto como uma contingência natural e inevitável. Ficou evidente a limitação no conhecimento dos seus direitos, designadamente direitos de domínio público e as dificuldades que enfrentam na sua efetivação.

Palavras-chave: Representações sociais; envelhecimento; direitos do idoso.

¹ Trabalho oriundo de resultados da dissertação de mestrado intitulado “Desafios na efetivação das políticas públicas para o idoso em Viçosa-MG” desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica da UFV e defendida em março de 2016.

² Mestranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: claramafaldasousa@gmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Campinas. E-mail: rcfarias@ufv.br

⁴ Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. Doutora em antropologia Social pela Universidade de São Paulo. E-mail: sheila@ufv.br

⁴ Professora Associada da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Doutorado pela University of Texas Medical Branch.

2. ABSTRACT

This study aimed to identify and compare the social representations of the participants about being old, aging and old age as a process, and which are the social rights of elderly and their effectiveness. We interviewed and applied, randomly, a semi-structured questionnaire to twenty elderly (aged 62 to 84 years), participants from Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) in Viçosa, Minas Gerais. The results point to three types of social representation of aging: a positive image with gains and personal fulfillment, clearly linked to the range of activities that these people are under the PMTI; a negative representation associated with loss of health and addiction and a third representation of conformation, viewing aging as a natural and inevitable contingency. It was evident the limitation on the knowledge of their rights including public domain rights and the difficulties that they face in its implementation.

Word-keys: Social representation; aging; elderly rights

3. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional foi o principal fenômeno demográfico do Século XX, que resultou na redução das taxas de fecundidade e mortalidade (NASRI, 2008). Este é um fenômeno mundial, sendo também uma realidade no Brasil, que não é mais um país de jovens e onde cresce cada vez mais o número de idosos. A redução nas taxas de fecundidade e mortalidade está relacionada com os avanços tecnológicos, nomeadamente da medicina. Tais avanços têm proporcionado uma visível melhoria na qualidade de vida dos cidadãos, favorecendo, assim, o aumento do número de pessoas mais envelhecidas. No entanto, segundo Santos (1990), a sociedade brasileira ainda não parece estar preparando seus cidadãos para o processo de envelhecimento, mas, diante da proporção das mudanças demográficas, faz-se necessário que a velhice seja compreendida “como questão pública que exige a tomada de posição por parte do Estado, de organizações privadas como ONGs e outras, com a finalidade de implementar ações consoantes ao problema social que tais fatos representam” (ALCÂNTARA; GUSMÃO, 2008, p.157). Em função da necessidade de uma atuação profícua junto à população envelhecida, recentemente, áreas específicas de conhecimento vêm atuando no domínio da velhice para responderem às demandas dessa população. Além da família e do Estado como peças chave para assegurar ao idoso os direitos de cidadania, participação na comunidade, dignidade, bem-estar e direito à vida,

temos também outras redes de amparo como a geriatria, gerontologia, psicologia, enfermagem, fisioterapia que atuam no domínio da saúde e da assistência social, além das ciências sociais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população brasileira vive, em média, 73,1 anos. Calcula-se que em 2025 a expectativa de vida seja de 81,9 anos, passando o Brasil a ter mais de 32 milhões de idosos, o que corresponderá a 15% da população total. A partir destes dados, verifica-se que o envelhecimento é um fator cada vez mais significativo na realidade brasileira. Justificamos, assim, a importância deste estudo, centrado na representação social do envelhecimento como uma necessidade de verificar como a população idosa percebe e vivencia sua condição social. Embora o envelhecimento seja um dos grandes fenômenos do século, ainda há, em muitos lugares, uma forte rejeição e preconceito em relação a eles, de forma direta ou indireta. Debato-nos, desde logo, com um problema relativo ao simbolismo do qual se reveste o termo, ou seja, o que é/quem é o idoso e seus significados. Comumente, referimo-nos a idoso como velho, antigo, vetusto, ancião, aposentado, avô/avó, está sempre associado à passagem do tempo, era, idade cronológica. A necessidade de perceber as significações sociais sobre quem é o idoso e o que representa o processo de envelhecimento foi um dos motivos que justificou a população escolhida para esta pesquisa. Este estudo buscou compreender outros significados em torno da velhice, para perceber como é que esses compreendem o envelhecimento através de três focos de análise: o idoso como sujeito principal, o próprio processo de envelhecimento e a velhice como última fase do curso da vida.

Além do objetivo de compreender o conteúdo das representações sociais do idoso sobre o envelhecimento, este estudo buscou, também, desvendar o conhecimento dos idosos em relação aos seus direitos públicos e sociais. Vários estudos, como de Witter e Queiroz (2006), apontam para uma falta de informação por parte dos idosos, nomeadamente no que concerne aos seus direitos, devido à indisponibilidade de materiais informativos em diversas instituições e esse é um dos fatores para a baixa frequência de leitura dessa população, limitando-os, muitas vezes, à informação vinculada apenas pela televisão. De acordo com Oliveira (2006), faltam implementações da lei de forma adequada, isto é, não basta oferecer às pessoas

legislação, mas é preciso que as leis sejam difundidas para a população em uma linguagem clara e objetiva para que todos tenham conhecimento e cobrem sua efetividade. Nesse estudo partimos de tais pressupostos sustentados pela literatura.

3.1 As representações sociais

Uma forma importante de compreender o envelhecimento é através das concepções que as pessoas têm sobre este processo, designadamente os que o vivenciam. De acordo com Moscovici (1978, 1981, 2004), as representações sociais permitem a compreensão do mundo e é por seu intermédio que os grupos constroem e compartilham um conjunto de conhecimentos, conceitos e explicações sobre um determinado tema, nas suas relações cotidianas. Essas representações são partilhadas pelas pessoas, influenciando-as e significam a circulação de todos os sistemas de classificações, todas as imagens e todas as descrições, mesmo as científicas (MOSCOVICI, 2004).

O foco analítico das representações sociais recai nas “teorias do senso comum” ou “pensamento ingênuo” e nas formas de comunicação e interação que elas propiciam no interior dos grupos sociais no que diz respeito a temas do seu cotidiano (JODELET, 2001; MOSCOVICI; HEWSTONE, 1985). Abric (2000, p. 28) acrescenta que essas representações têm papel fundamental na dinâmica das relações e nas práticas sociais. Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatuí-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la (Jodelet, 2001).

A função essencial da representação social, para aqueles que representam, é transformar o que não é familiar em algo familiar, próximo e prático (MOSCOVICI, 2004). De acordo com Chartier (1990, p.245), as representações sociais são “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. Ou seja, as representações emergem do cruzamento de imagens mentais com esquemas interiorizados de categorias incorporadas. Para o autor, há diversas camadas sobrepostas da representação e por isso é preciso ter sempre em consideração a própria estrutura social e o contexto histórico no qual ela é criada.

No que diz respeito às representações sociais sobre a velhice, já foram realizados outros estudos e concluiu-se que há diferentes representações sobre o envelhecimento humano, afinal, cada um vai ver esse processo de uma forma, em função de suas vivências e experiências. Pesquisas realizadas no Brasil por Debert (1996) e Santos (1996), apontam que a velhice ainda é pouco valorizada, inclusive pelo próprio idoso. Segundo Guerra e Caldas (2010), sustenta-se, ainda, uma visão preconceituosa sobre o envelhecimento, que, na maioria das vezes, resulta da escassa informação a respeito do processo, gerando significados e imagens negativas, o que acaba comprometendo a vivência e interação entre as pessoas. Se não mudarmos este olhar, o envelhecimento vai ficar marcado negativamente, influenciando não só aqueles que já estão vivenciando essa fase bem como os que virão a passar por ela.

Para mudar essa condição e priorizar a melhoria na qualidade de vida do idoso, a Gerontologia Social tem proposto algumas perspectivas teóricas multidimensionais que analisam a relação entre as perdas e os ganhos, durante a última fase da vida (CAMARANO et al, 2004). Essas perspectivas enfatizam que, embora o envelhecimento ainda esteja muito associado a perdas, há também vários ganhos que passam despercebidos, além de, grande parte das vezes, o idoso ser um pilar fortíssimo para a sua família, garantindo sua permanência no ambiente familiar.

Debert (1996) é uma das autoras que tem mostrado que a atual representação do envelhecimento tem aberto espaço para experiências de envelhecimento bem sucedido vividas coletivamente, como por exemplo, as Universidades Sêniores, grupos coletivos de idosos, entre outros.

É um desses grupos de convivência, onde as representações sobre o ser idoso, o envelhecimento, a velhice e os direitos sociais circulam e são compartilhadas, que o artigo focaliza.

4. METODOLOGIA¹

¹ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa, sob o número de registro CAAE 47831715.5.0000.5153

4.1- Procedimento para coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas considerando os seguintes procedimentos: dentre os participantes do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), da cidade de Viçosa, MG (conjunto maior da população objeto de estudo), foi selecionado um subconjunto de indivíduos (amostra), ao acaso. As entrevistas foram realizadas no período da tarde todos os dias durante uma semana, de forma individual, à medida que os indivíduos foram chegando ao local para realizarem as suas atividades. Todos os sujeitos responderam livremente, após ter sido explicado o objetivo do estudo e apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido dando a liberdade de participação e a não participação, além de assegurar que os nomes dos participantes seriam preservados, garantindo-lhes o anonimato.

4.2- Instrumento

Optamos por elaborar um roteiro semi estruturado com cinco perguntas, sendo que nas três primeiras foi usado o método da associação livre de palavras, onde o entrevistado era estimulado por uma palavra ou situação. Nas duas últimas perguntas pretendeu-se saber quais direitos os idosos consideram acessados e se estes são devidamente garantidos seja pelo Estado, pela sociedade ou pela família. O uso deste tipo de roteiro deveu-se à necessidade de compreender os pontos de vista dos idosos sobre o processo de envelhecimento, bem como a vontade de querer explorar aspectos relevantes, emergentes das suas representações, que permitissem aprofundar e compreender o fenômeno em análise. Tal recurso enquadra-se numa posição mais humanista e relacional de conceber a pesquisa, pois permite o acesso à linguagem e aos valores socioculturais do grupo investigado (QUIVY; CAMPANHOUDT, 1998).

4.3- Caracterização dos participantes

O número total de entrevistados foi de vinte pessoas todas com idade entre os 62 e 84 anos, participantes do PMTI, na cidade de Viçosa, Minas Gerais. O PMTI é um Núcleo de Convivência de Idosos que busca promover a integração social dos idosos e

assegurar-lhes qualidade de vida (FARIAS et al, 2014). O Programa conta com 2687 inscritos, tendo 1/3 de participantes ativos, sendo que 90% dos participantes são mulheres (PMTI, 2014).

Na primeira parte do roteiro foram contemplados os dados sócio-demográficos apresentados no seguinte quadro:

Quadro 1: Dados sociodemográficos dos entrevistados

Variáveis	Categorias	Número
Sexo	Feminino	17
	Masculino	3
Faixa etária	60-65	5
	66-70	4
	71-75	7
	76-80	2
	81-85	2
Religião	Católica	15
	Evangélica	1
	Outra	4
Local de trabalho	Fora de casa	2
	Em casa	2
	Não trabalha	16
Renda	1 salário mínimo	18
	2 salários mínimos	1
	3 salários mínimos ou mais	1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2015

Na segunda parte do roteiro pautam-se as cinco questões norteadoras: “o que significa a palavra ‘idoso’ para o senhor(a)?”, “o que lhe vem à cabeça quando lhe falo em ‘envelhecimento’?”, o que representa a ‘velhice’ para o senhor(a)?”; “quando lhe falo em ‘direitos sociais dos idosos’, quais direitos lhe vêm à cabeça?”, “esses direitos são devidamente garantidos/efetivados?”.

4.4- Procedimento para análise dos dados

Embora em alguns momentos se observasse uma saturação das informações pela inobservância de variações significativas nas falas, foi elaborado um quadro para apresentar o cruzamento de dados e respectiva conexão entre as dimensões previamente especificadas no roteiro de onde emergiram três tipos de categorias: positivas, negativas e neutras. Mesmo verificando repetição nas falas, houve a necessidade de se fazer uma ramificação em subcategorias de forma a incrementar o devido rigor a um estudo de

natureza qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Esta categorização adveio da análise dos conteúdos semânticos resultantes das respostas dos sujeitos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO DE DADOS

Antes de passarmos à análise dos dados, pode-se observar o Quadro 2 onde se visualiza a categorização das representações sociais dos idosos sobre as três primeiras questões. Categorizamos as representações em: positivas, negativas e neutras (por neutras consideramos aquelas de onde se entendeu a representação como uma contingência natural, sem que os participantes as considerassem boas ou más), ramificando cada uma dessas categorias nas respectivas subcategorias. Para se chegar a essa categorização fez-se análise de conteúdo das falas dos entrevistados que, de acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), é um método complementar da entrevista, com o objetivo de tratar o máximo possível a informação de forma sistemática e que “corresponde às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjetividade dos processos”.

Quadro 2: Categorização das representações sociais dos idosos sobre: ser idoso; o envelhecimento e a velhice.

DIMENSÕES/VARIÁVEIS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
IDOSO	POSITIVAS	<ul style="list-style-type: none">• Espírito jovem• Realização pessoal• Experiência de vida• Conhecimento
	NEGATIVAS	<ul style="list-style-type: none">• Estar perto do fim (morte)• Inutilidade
ENVELHECIMENTO	POSITIVAS	<ul style="list-style-type: none">• Bênção• Sabedoria• Saúde• Lazer (traz mais atividades)
	NEGATIVAS	<ul style="list-style-type: none">• Abandono• Desânimo• Doença
	NEUTRA	<ul style="list-style-type: none">• Fatalidade (contingência natural)
VELHICE	POSITIVAS	<ul style="list-style-type: none">• É um estado de espírito• Mais vantajosa do que a juventude (mais atividades)
	NEGATIVAS	<ul style="list-style-type: none">• Declínio• Dependência• Solidão• Morte

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Com o auxílio desta análise, pretendeu-se compreender de forma objetiva as significações que os vinte entrevistados revelaram na resposta ao questionário, ansiando fazer emergir todos os elementos comunicativos usados nas suas falas tornando mais explícitas as representações sociais sobre o fenômeno do envelhecimento e as dificuldades que os idosos enfrentam nesta fase de suas vidas. Os dados obtidos têm um caráter humanista e crítico já que foi feita uma análise do que os entrevistados experienciam enquanto idosos, passando por um processo de envelhecimento e o que isso acarreta na velhice.

Iremos realçar através da “voz” dos intervenientes algumas evidências para dar mais visibilidade e mais proximidade do “vivido” em conformidade com os dados já apresentados no quadro anterior. Estas passagens são anônimas, por isso, os entrevistados serão identificados através de nomes fictícios.

5.1. Representações sociais do idoso sobre o que é ser idoso

Após a categorização que se fez através da análise das respostas obtidas pela representação dos vocábulos dados no questionário, aferiu-se que para a maioria dos entrevistados, ser idoso tem mais de positivo do que negativo. As definições de idoso envolvem a ideia de que o idoso é um indivíduo que, por já ter vivido tanto, ter cuidado dos filhos, netos, vizinhos [...], merece receber o mesmo cuidado, carinho e atenção. O idoso é alguém que tem mais conhecimento e experiência de vida e, por ter chegado até essa fase, já atingiu um estado de realização pessoal. Para Baltes e Smith (1995), experiência e sabedoria, como conteúdos representativos da velhice, são alguns dos poucos atributos positivos do cenário mental dessa etapa da vida valorizados pela sociedade.

Na perspectiva negativa, a desvantagem de ser idoso é estar vivenciando a última fase da vida e, portanto, estar cada vez mais perto do fim. Os entrevistados também se referiram ao ser idoso como ser, muitas vezes, inútil, já não servir para nada nem para ninguém. Dona Ana, de 67 anos, menciona que idosa:

“É uma pessoa que já viveu todas as etapas da vida e agora já passou a fase adulta e vem caminhando para a fase idoso.”

Dona Claudia, 74 anos, por sua vez destaca que:

“idoso é uma pessoa que não aguenta mais trabalhar, não serve pra mais nada, não tem força nas perna, nem nos braços nem em nada.”

As entrevistas revelaram que os entrevistados têm uma clara distinção para os entrevistados entre os termos “idoso” e “velho”. Enquanto ser velho é visto como uma coisa negativa, o ser idoso é visto como alguém que está numa fase mais avançada da vida, mas que, no fundo, o que importa é o estado de espírito da pessoa e o que ela se propõe fazer. Também os resultados de Santos (1996) evidenciaram que os idosos entrevistados consideram velhos os outros, semelhante ao que acontece neste estudo: ser velho ou idoso está na cabeça de quem quer, é uma forma de opção.

“Ainda não me sinto idosa, porque hoje as pessoas chegam a idosas com saúde. O idoso de hoje tem mais esperança de vida e tem mais cuidado, faz caminhadas, boa alimentação. Eu cuido da horta, planto tudo e ainda dou para os outros. Ando pra cima e pra baixo, faço hidroginástica, danço forró, não preciso da ajuda de ninguém.” (Paula, 72 anos)

“Antes eu achava que o idoso era um velho. Idoso é cheio de vida, alegria, cumprimenta todo mundo. Os outros é que chamam de idoso, de velho, né ? Mas se quiser, a pessoa é jovem.” (Aurora, 65 anos)

Essa ideia de que ser idoso está na cabeça de cada um representa coisas positivas como o exercício de atividades e melhoria na qualidade de vida.

Percebe-se no estudo a vinculação entre ser idoso e a prática de atividades, pelo fato de estes idosos pertencerem a um grupo de convívio onde são diariamente oferecidas várias atividades como a ginástica, hidroginástica, forró e capoterapia. Outros estudos já realizados também revelaram este fato (GUIMARÃES, 1997). Chartier (1990) também evidenciam em seu estudo a ideia de que é necessário considerar os motivos que fundamentam a construção dessas representações para podermos entender o porquê, no presente caso, dos sujeitos associarem a ideia de idoso feliz à prática de atividades.

As concepções negativas construídas em torno do ser idoso, revelaram que ser idoso é não ter mais força para trabalhar. Observamos que também noutros estudos (Veloz, Nascimento-Schulzes; Camargo, 1999), a perda do ritmo de trabalho está associada à perda das habilidades físicas e, conseqüentemente, há mais lentidão na execução das atividades diárias, o que acaba por colocar o idoso num segundo plano quanto à vida social. Embora o número de homens entrevistados seja bem reduzido, todos os três entrevistados revelaram maior preocupação com o fato de não trabalharem mais, como destaca o Sr. João de 69 anos:

[...]”Tem que arrumar outras diversões pra ocupar a cabeça. Já trabalhei muito nessa vida, mas depois eles mandam a gente embora, vêm assim os novos e a gente tem que aceitar.”

A decodificação dos vocábulos “trabalho”, “aposentado”, “força”, revelam a perda da utilidade social na percepção da pessoa idosa e, portanto, uma representação negativa sobre ser idoso, associada à não inclusão no mercado de trabalho.

5.2. Representações sociais do envelhecimento como processo

As representações obtidas sobre o envelhecimento como processo associaram-se majoritariamente ao envelhecimento como uma bênção, sendo uma dádiva de Deus e, mais uma vez, a realização de atividades ganha destaque, como observado nas transcrições abaixo. Há um cruzamento de dados entre o envelhecer e o estar ativo como um aspecto positivo.

“Envelhecer é uma dádiva de Deus, é uma oportunidade. Cada dia traz mais sabedoria e dá-me tranquilidade para fazer tudo o que quiser.” (Júlia, 63 anos)

“Eu quero envelhecer com saúde. Envelhecimento é bom, traz respeito, coisas nova pra fazer, recebe muito de Deus.” (Luísa, 68 anos)

Esta ideia dialoga com a ideia de Debert (1996) sobre o envelhecimento bem sucedido quando vivido coletivamente. Ou seja, as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que contribuem para a construção de uma realidade comum enquanto grupo social (JODELET, 2001).

Outro aspecto evidente é a associação entre o envelhecer bem, envelhecer com saúde, como uma característica de extrema importância para a caracterização positiva e desejável do envelhecimento humano.

A noção de “abandono” e perda de laços familiares, destacada pelos entrevistados, também é muito forte quando se trata do processo de envelhecimento. Estas noções são mais visíveis nas mulheres que foram entrevistadas que consideraram a mulher idosa mais sozinha. De fato, segundo Beltrão e Camarano (1997), as mulheres tornam-se viúvas muito mais cedo por terem maior expectativa de vida e, este fenômeno, embora algumas vezes seja libertador (Debert, 1999), por ser um momento em que podem criar as suas próprias dinâmicas de vida e podem usufruir de uma liberdade sexual e social que antes lhes era restringida (Ploner et al 1999), outras vezes é solitário e triste, principalmente quando há perdas, como relatou Dona Madalena, de 72 anos:

“Envelhecimento até é bom, mas desde que perdi meu caçula não vejo mais porquê envelhecer. Mas Deus tem seus propósitos, né?! “

Além da perda dos laços familiares e a referência à solidão, a noção de abandono também foi bastante representativa. Embora o abandono nem sempre tenha sido referido explicitamente, os entrevistados apontaram para uma relação entre a perda da família e o receio de ser abandonado.

“Ao ficar velho vamos ficando sozinhos, os filhos casam, vão embora, os pais morrem, os irmãos também morrem, vão todos embora e ficamos nós pra trás.” (Luísa, 68 anos)

O envelhecimento também foi frequentemente associado à doença, resultando em sofrimento e desânimo. Nas mulheres registrou-se uma maior preocupação da relação entre o corpo e o envelhecimento. A noção de beleza ficou claramente evidenciada pelos vocábulos “rugas” e “feia”.

“O envelhecimento é ficar toda enrugada, [...] Ninguém olha mais pra nós. Nem pra cuidar nem nada e a gente nem memória tem mais pra tomar todos aqueles remédios.” (Catarina, 65 anos)

[...]’Ficamos todas iguais, caídas, feias, não é?!’ (Rute, 71 anos)

O de Veloz, Nascimento-Schulze e Camargo (1999), evidencia o fenômeno da beleza em relação às idosas como um fator perturbador que, muitas vezes, faz com que as mulheres idosas tenham dificuldade em aceitar o seu aspecto pelas marcas próprias do envelhecimento.

Na representação social obtida sobre o processo de envelhecimento, além dos referidos pontos de vista positivos e negativos, verificou-se uma forte representação do envelhecimento como uma contingência natural.

“Tem que saber envelhecer, não se pode ficar deprimido, faz parte da vida.”

(Inês, 65 anos)

“Envelhecimento é a pessoa aceitar a velhice e procurar viver essa fase da melhor maneira possível.” (Teresa, 67 anos)

“Envelhecer é estar vivo. Se não ficar velho é porque já morreu novo, né?!”

(Geraldo, 62 anos)

Como se verificou nos depoimentos anteriores, quase todos os entrevistados se referiram ao envelhecimento como uma fatalidade inevitável, da qual não se pode escapar para se ter uma vida longa. Para os entrevistados, o envelhecimento é naturalmente aceito e pouco questionado.

5.3. Representações sociais da velhice

A partir do campo semântico avaliado em relação ao que os sujeitos consideram para si “a velhice”, numa primeira consideração esta é interpretada como um problema. Vê-se de forma recorrente o uso de vocábulos associados à dependência, declínio, sofrimento, solidão. Também é negativa quando associada ao fim do trabalho, ou seja, fim do período produtivo, sentindo-se excluídos pela sociedade devido às suas limitações físicas e com tendência a haver um declínio na qualidade de vida provocado pelas doenças, incapacidade/dependência, perdas e solidão.

“É muito sofrimento, principalmente se não tiver quem cuide. Já não temos força nem cabeça pra nada.” (Augusta, 74 anos)

“Velhice já chegou o tempo, os dias já foram passando, a juventude já se foi e agora, olhe, é só esperar a morte.” (Goretti, 80 anos)

Também é conclusivo que, tal como em relação ao processo de envelhecimento, a velhice é aceita como um fenômeno natural para o qual basta estar vivo. Assim o demonstra a seguinte fala:

“Velhice é uma coisa simples porque é para todo o mundo, quem não fica velho é porque morre cedo. Só que tem que ter sempre uma pessoa para olhar e ajudar nas coisas. Eu não queria ficar velho não. Velhice é triste.”
(João, 69 anos)

“A velhice é a cada dia que passa estar mais perto do fim, mas também significa que já se viveu bastante. A gente vai se esquecendo das coisas, mas também já vivemos muito.” (Ângela, 71 anos)

Além da representação da velhice pelos seus aspectos negativos, há uma negação por parte dos entrevistados em relação a serem velhos, enfrentando a velhice como um estado de espírito e com ainda mais vantagens do que a juventude. Essa representação se dá porque a maioria dos entrevistados começou a trabalhar muito cedo, não tiveram oportunidade de estudar, brincar, praticar esportes, entretanto vêm na velhice não só um acesso à instrução bem como ao lazer, em função dessas atividades serem oferecidas no PMTI. Além disso, com a aposentadoria, a maioria considera ter mais tempo livre para fazer o que não podia fazer antes. A visão dos entrevistados em relação à velhice é positiva, sempre aliada à realização de atividades que contribuem para a qualidade de vida que estimulam um “espírito jovem” e alegre sendo a idade apenas uma consequência cronológica:

“A velhice é muito boa, podemos fazer tudo e aprendemos coisas novas. Ainda não sei fazer muito, mas já sei assinar o meu nome”. (Patrícia, 84 anos)

“A velhice é poder fazer as coisas que antes não se podia. Quando estamos velhos é porque estamos aposentados, então temos mais tempo livre para nós.” (Sebastiana, 71 anos)

Estes idosos mostram que as considerações sobre a velhice podem ser contornadas, vendo mais ganhos do que perdas, tal como já revelaram outros estudos (DEBERT, 1999; SANTOS, 1996). Nos estudos feitos por Debert (1999), a autora trouxe o conceito de “reprivatização da velhice” que mostra, precisamente, como a velhice encarada através de um processo de socialização de novos começos, novas

oportunidades aliada a experiências vividas e saberes acumulados, são ganhos que propiciam aos mais velhos a oportunidade de adquirir mais conhecimentos e apostar em outros tipos de relacionamentos. Nas palavras da autora, “essas novas imagens transformaram essa fase numa experiência de entusiasmo inédita”, portanto, “essas imagens emergem num momento em que o prolongamento da vida humana é, sem dúvida, um ganho coletivo” (DEBERT, 1999).

5.4. Representação social e efetivação dos Direitos Sociais dos idosos

No Quadro 3 os direitos sociais apreendidos pelos sujeitos como seus são apresentados. Apercebe-se que, na perspectiva dos entrevistados, existem direitos que estão mais ao alcance da sociedade e da família, e direitos públicos que fazem parte da tutela do Estado. Assim, categoriza-se, segundo a perspectiva dos sujeitos, os direitos em sociais e governamentais. Por direitos sociais entendem-se os direitos que perpassam os espaços da sociedade, portanto, a família e todos os cidadãos e, por governamentais, os direitos advindos da esfera estatal. Não obstante esta divisão que se remete à representação social daquele grupo sobre os direitos sociais dos idosos, a sociedade, a família e o Estado são todos agentes responsáveis na garantia dos direitos sociais dos idosos e o incumprimento/violação de qualquer um desses direitos é sujeito a sanção penal.

Quadro 3: Representação social dos direitos dos idosos

DIREITOS SOCIAIS	DIREITOS GOVERNAMENTAIS
<ul style="list-style-type: none">• Direito ao respeito• Direito ao lazer• Direito à assistência familiar• Direito ao bem-estar	<ul style="list-style-type: none">• Fila preferencial (banco, hospitais)• Passe livre (ônibus)• Direito à aposentadoria• Direito à saúde• Direito à instrução• Prioridade de lugar (ônibus)

Fonte: Dados da pesquisa, 2015

Numa avaliação quantitativa, este estudo permitiu-nos ainda saber se os sujeitos tinham ou não conhecimento da existência de direitos sociais das pessoas com mais de 60 anos e se os que conheciam e os representaram no quadro supra consideraram devidamente garantidos. Assim, concluímos que apenas dois dos entrevistados, não

tinham conhecimento de quaisquer direitos próprios para pessoas com mais de 60 anos e, a grande maioria (dezoito dos entrevistados) mostraram-se cientes de que não só o Estado, bem como a sociedade e a família têm a obrigação de contribuir para assegurar ao idoso os seus direitos, defendendo a sua dignidade e participação social.

Embora o conhecimento ainda seja limitado e se resume essencialmente aos mesmos (poucos) direitos, interessante observar que a distinção que os sujeitos fizeram entre direitos que devem ser garantidos pelo governo como: o direito à aposentadoria, o passe livre para viajar de ônibus, a prioridade de assento no ônibus, o direito à assistência médica e cuidados de saúde, direitos à instrução e a prioridade nas filas do banco e dos hospitais, onde frequentemente foi associada a palavra Estado e/ou Governo. E, por sua vez quando se referiram ao direito ao lazer, a serem respeitados, a terem assistência familiar e a serem bem cuidados, referiram-se a esses direitos como obrigações sociais da família e da sociedade.

Destaca-se, também, a relação estabelecida entre os direitos governamentais como uma obrigação do Governo que, realmente, cria o suporte legal para a existência desses direitos mas, segundo a maioria dos entrevistados, não são devidamente efetivados, e a relação entre o direito ao lazer, ao respeito, assistência médica e familiar, como direitos sociais que assentam, não só, na perspectiva obrigacional, mas também numa perspectiva de reciprocidade.

É bastante recorrente a ideia de que o idoso é cuidado porque já foi cuidador, isto é, há uma relação entre a “Teoria da Dádiva”, sistema que se expande ou se retrai a partir de uma tríplice obrigação coletiva de doação, de recebimento e devolução de bens simbólicos e materiais (Mauss, 2003) e a reciprocidade na prática do cuidado. Desta forma, a troca e a dádiva são dois dos vínculos sociais que estabelecem uma relação social que consiste basicamente num sistema de comunicação entre dois indivíduos ou dois grupos, sistema esse que atua de forma simbólica, pois as trocas só acontecem e se mantêm devido aos valores sociais que elas representam como o a honra, o prestígio, a união.

De acordo com os resultados deste estudo, ficou claro que, para os entrevistados, a reciprocidade, dar, receber e retribuir, envolvidas no cuidado, acabou por se sobrepor

às obrigações legais e interesses contratuais. Isto verificou-se pelo contexto social desses idosos, como já foi referido; muitos deles só na fase da velhice tiveram novas e mais oportunidades, como aprender a ler, poder viajar, o direito ao lazer e, ainda que algumas dessas oportunidades tenham surgido em função de sua participação no PMTI, que é de domínio municipal. Para esses idosos essas novas oportunidades são vistas mais como “bênçãos” do que direitos.

Está, também, inculcada nos entrevistados, através das suas falas, a relação de um dia ter sido cuidador dos filhos e agora necessitar receber o cuidado dos mesmos. Deste modo, não é o envelhecimento, por si só que sensibiliza que o idoso seja cuidado ou seja gozador de direitos próprios, mas sim uma situação prévia que proporciona essa relação de já ter dado e agora ser retribuído. A ideia de que o idoso merece assistência familiar não se basta pela sua condição de idoso, mas porque um dia esse idoso cuidou dos filhos, netos e sobrinhos. Também o contexto histórico desses idosos, marcado, na maioria dos casos, pelo baixo índice de escolaridade, falta de acesso à informação, um contexto histórico-social de inexistência de direitos, faz com que esses direitos criados e direcionados para eles assumam a forma de dádiva e gratidão e não de direito, acesso a cidadania e empoderamento pessoal.

Por conseguinte, há um sistema de dádiva que se manifestou nas representações elaboradas pelos sujeitos entrevistados, que assenta em interrelações motivadas pela circulação do “espírito da coisa dada” (Mauss, 2003), mais do que propriamente na relação de criação, efetivação e exigência de cumprimento de direitos legalmente consagrados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo encontrou três tipos de representações em relação ao processo de envelhecimento.

Uma representação positiva, onde ser idoso está associado à ideia de experiência e realização pessoal. Este modelo de envelhecimento bem sucedido vai ao encontro à ideia de Baltes (1987), onde experiência e realização pessoal são alguns dos

poucos atributos valorizados pela sociedade em relação a esta fase da vida. O envelhecimento e a velhice são também encarados como bênção e mais vantajosos do que a juventude, ideias claramente vinculadas à importância vital que os grupos de convivência têm para essa população. Esses espaços e as práticas aí desenvolvidas contribuem para que os idosos possam exercer o seu direito de cidadania, através da prática de diversas atividades que mostram as suas capacidades, oportunidade de aprendizagem e propiciando, também, a criação de laços de amizade e momentos de distração. Nesses lugares, os idosos conseguem, muitas vezes, recuperar a imagem de si mesmos, catalogada negativamente por preconceitos sociais que estão embutidos pela sociedade, de uma forma geral.

Notamos também uma representação negativa associada à perda de saúde do idoso à medida que vai envelhecendo e o declínio e dependência que se manifestam na velhice. A falta de autonomia faz com que seja frequente e socialmente construída uma representação de que o idoso não pode desempenhar suas tarefas e seu papel na sociedade, simplesmente por ser velho, mas essa autonomia é fundamental para a manutenção da qualidade de vida e enfrentamento da velhice (VIEIRA, 2004).

Por fim, uma terceira representação de conformação, encarando o envelhecimento como uma contingência natural e inevitável.

Conclui-se também que os entrevistados têm um conhecimento bastante limitado sobre os seus direitos, ressaltando, ainda, a Teoria da Dívida na interpretação desses mesmos direitos como prática de reconhecimento social ilustrado pela ideia de reciprocidade e o sentimento de gratidão que se sobrepõe às obrigações jurídicas e tutelares, quer dos órgãos governamentais, quer dos restantes espaços da sociedade.

Embora se saiba das limitações deste estudo, espera-se que este possa contribuir para a disciplina Gerontologia e para o desenvolvimento de outros estudos que encontrem novas formas de pensar em práticas sociais de atendimento adequado e de intervenção no que concerne ao processo de envelhecimento, seja no âmbito de programas governamentais ou não-governamentais. Este estudo sugere que nos espaços de atendimento aos idosos, sejam propiciadas atividades de informação sobre os direitos

legais e sociais para que o idoso assuma um papel mais crítico em relação a sua situação e em relação a todos que com eles têm obrigações.

7. REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social. AB, 2.ed, p. 27-37. Goiânia: 2000.

BALTES, P. B. & SMITH, J. **Psicologia da sabedoria: Origem e desenvolvimento**. Em A.L. Neri (Org.), **Psicologia do envelhecimento** (pp.41-72). Campinas / São Paulo: Papirus, 1995.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo** (pp.230). Lisboa: Edições 70, 1977.

BELTRÃO, K. I. & CAMARANO, A. A. **Características sócio-demográficas da população idosa brasileira**. Estudos Feministas, 5, 106-119, 1997.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CAMARANO, A. A. Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60. In: Camarano, A. A.; Kanso, S.; Mello, J. L. Como vive o idosos brasileiro. IPEA, Cap. 1, p. 25-73. Rio de Janeiro, 2004.

CHARTIER, R. A. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo (pp.245). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEBERT, G.G. **As representações sociais (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual**. Em Ministério da Previdência e Assistência Social (Org.), Anais do I Seminário Internacional. **Envelhecimento populacional: uma agenda para final de século**. Brasília, DF, 1996.

_____ **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 1999.

FARIAS et al. **Programa Municipal da Terceira idade: Atividades e percepções dos usuários**. Viçosa, 2014.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. **Dificuldade e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso**. Ciência & Saúde Coletiva, 15(6): 2931-2940, 2010.

GUIMARÃES, M. C. T. V. **Velhice: perda ou ganho?** Dissertação de Mestrado não publicada, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

GUSMÃO, N. M.; ALCÂNTARA, A. O. **Velhice, mundo rural e sociedades modernas: tensos itinerários**. *Ruris*, volume 2 , número 1, março de 2008, pp. 154-180

IBGE. **Perfil de idosos responsáveis por domicílios no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). *Representações sociais*. Eduerj, p. 17-44. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

KASTENBAUM, R. & CANDY, S. **The four percent fallacy**. *Journal of Aging and Human Development*, 4, p. 15-21, 1973.

MAUSS M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify; 2003

MILES, M. & HUBERMAN, M. **Qualitative Data Analysis**. Sage Publications, Inc. 2nd Edition, 1994.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, A. **De la ciência al sentido comum**. Em S. Moscovici (Org.), **Psicologia Social** (Vol. I, pp.679-710). Barcelona: Paidós, 1985.

NASRI, F. **O envelhecimento populacional no Brasil**. São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, F. S. **A implementação do Estatuto do Idoso nas áreas da saúde e educação pela prefeitura municipal de Ponta Grossa**. Dissertação (Mestrado) - Curso de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2006.

PLONER, K. S., MICHELS, L. R. F., OLIVEIRA, M. A. M. & STREY, M. N. de. **O significado de envelhecer para homens e mulheres**. Em A. F. Silveira, C. Gewehr, L. F. R. Bonin & Y. L. Bulgacov (Eds.), **Cidadania e participação social** (pp.115-124). Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1999.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1998.

SANTOS, M. de F. de S. **A velhice na Zona Rural**. *Representação Social e Identidade*. Em C. Nascimento-Shulze (Ed.), **Novas Contribuições para a teorização e pesquisa em representação social** (pp. 59-83). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, 1996.

VELOZ, M. C. T., NASCIMENTO-SCHULZE, C. M. & CAMARGO, B. V. **Representações sociais do envelhecimento**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 479-501, 1999.

VIEIRA, E. B. **Manual de Gerontologia: um Guia Teórico-Prático para Profissionais, Cuidadores e Familiares**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

WITTER, G. P.; QUEIROZ, N. B. **Leitura de idosos que vivem com familiares e abrigados em instituições.** In G.P.Witter (org.). Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas. Campinas: Editora Alínea, 2006.